

FRANZ BOAS E OS SENTIDOS CONTEMPORÂNEOS DO CULTURALISMO

Inayá Bittencourt e Silva*

Introdução

A publicação no Brasil do livro “Antropologia Cultural” traz a lume as idéias de Franz Boas, alemão radicado nos Estados Unidos, consideradas decisivas para o pensamento de Gilberto Freyre. Conforme Vasconcelos (2006), foi este brasileiro “quem deu força midiática ao nome de Franz Boas pelo mundo acadêmico afora”. Não admitir o progresso que a Antropologia teve como ciência é não valorizar adequadamente a obra de Franz Boas nem reconhecer as forças culturais que estão implícitas nas mudanças provocadas pelo particularismo histórico. Mesmo que fosse teoricamente estéril essa tese, ainda assim, teria tido o mérito de haver livrado a Antropologia dos grandes enganos ocorridos em outros países. Havia limites ideológicos, culturalmente determinados, aos quais a teoria antropológica se rendia. Apesar de haver alternativas, pelo fato de os limites não serem nem demasiado estreitos, nem demasiado definidos, houve transgressores. Estes não deixaram, porém, nenhuma contribuição para a disciplina. Coube a Boas e à primeira geração de seus discípulos como Alfred Kroeber, Edward Sapir, Margaret Mead, Meville Herskovitz e Ruth Benedict, a construção de uma Antropologia profissional, universitária, desde a base, depois de enfrentar os mais sérios obstáculos.

A obra de Boas significa um renascimento em todos os campos da Antropologia. Basta recordar que alguns autores tinham opiniões tão acentuadamente errôneas que não sustentavam o mais leve desafio. À menor contestação demonstravam a sua vulnerabilidade e deixavam atrás de si um grande vácuo. Um exemplo em que essa fragilidade se manifesta é a errônea conexão que era feita entre raça e cultura. Como reflexo da mentalidade imperialista que dominava o pensamento europeu, os povos primitivos contemporâneos eram rebaixados por alguns autores ao nível de antropóides.

*Mestre em Sociologia Rural e Urbana pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – Campus de Araraquara. Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA e Coordenadora do Centro de Pensamento Político da mesma Instituição.

O selvagem era considerado como situado extremamente próximo das espécies sub-humanas, em todos os aspectos da sua mentalidade como em seus hábitos corporais e em sua estrutura corporal.

Na década de 30 do século XX, Boas deu um passo radical ao abrir, em sua maturidade, um campo de estudo totalmente novo e inesperado. Levantou a idéia de que a estrutura da mente humana explicava as regularidades manifestadas nos fenômenos culturais. Com isso, a Antropologia, que havia se deixado envolver demais na intenção de reconstruir seqüências históricas, não poderia mais se abster de estudar a relação entre psiquê individual e as formas de cultura. Essa atitude representou uma mudança de interesse pela reconstrução histórica para o interesse pelos fatores psicológicos: o interesse das relações entre a personalidade e a cultura. Para Boas a relação do indivíduo com a sua cultura é “a chave de uma verdadeira interpretação da conduta humana”.

A distinção entre raça e cultura, traço distintivo do método de Boas, conhecido como relativismo cultural, baseado na não existência de culturas inferiores e superiores, era a afirmação sobre a qual Gilberto Freyre sempre questionava os estudiosos e intérpretes do Brasil. A tese de Boas, defende a mistura de raças e os efeitos favoráveis daquela sobre estas, explicando que a miscigenação opera milagres. Infelizmente a Alemanha se identificou com as idéias etnocêntricas de Hitler e não com a Antropologia ecumênica de Boas, provocando a maré nazista e racista que avançou pela Europa.

O homem

O caráter extremamente versátil de Franz Boas fez com que sua obra fosse constituída de contradições. Sua grande marca é o paradoxo: “*sublime solidão x mundo ativo*”. Boas via a humanidade como um enigma e, portanto como um desafio. Por inclinação natural, deveria ter se destacado no estudo dos fenômenos não humanos da natureza, mas resolveu estudar o homem, para o que dedicou “todas as forças dos seus grandes recursos mentais e físicos”. Sua luta e determinação para compreender os homens, o levaram a fundar uma “*Antropologia disciplinada*”, sem se permitir estabelecer generalizações simplistas.

Sua vida familiar transcorreu em um ambiente extremamente liberal, em que foram rompidas “*as algemas do dogma*” e apesar do respeito e do apego ao ambiente do lar paterno, a liberdade de pensamento foi preservada. Isto fez com que detestasse todo tipo de autoridade, da tradição ou do administrador.

Devido, talvez a um dos traços de sua personalidade, que o levava a preocupar-se com o presente e com o futuro e não se recordar do passado, pouco se sabe sobre sua infância ou juventude, mas conforme declaração de Kroeber, citado por Kardiner e Preble (1984, p.131-3). “A vida universitária de Boas pode presumir-se como tendo sido ardente e rica”.

Apesar da sua formação acadêmica em Física e Matemática, com doutorado em Física e interesse pela Geografia cultural, ao viajar para a Terra de Baffin, em 1883, iniciou sua carreira antropológica, influenciado que foi pelo íntimo contato com os esquimós. Esse contato despertou seu interesse pelo papel da tradição social como causa determinante da cultura e da personalidade. Nessa ocasião associou-se a Rudolf Virchow, cientista rigoroso, que exerceu sobre ele grande influência e que apesar de haver se destacado no campo da Patologia, também ofereceu grande contribuição à Antropologia.

Seus interesses se desviaram, então, dos fenômenos físicos para os fenômenos humanos da natureza. Quando, em 1888 voltou à Colúmbia britânica, iniciou um notável estudo antropológico. Atraído pelo geógrafo alemão Theobald Fischer, desviou seu interesse da Física e da Matemática para a Geografia Física e depois Cultural. A viagem à Terra de Baffin salientou três situações da vida de Boas, evidentemente interligadas, que marcaram o atingimento da sua maturidade, quando sentiu que se cristalizavam suas forças e se preparou para ensinar. Foi o início da sua carreira antropológica o que o tornou independente da família e ocorreu num momento em que estava apaixonado (KARDINER; PREBLE, 1984, p.43).

Em relação à sua aversão pela tradição e autoridade, é interessante lembrar que acreditava que a autoridade deveria ser enfrentada e não aceita, qualquer que fosse sua manifestação. Com base nessas idéias estimulava seus alunos a exercitarem sempre a independência de pensamento e de ação, enquanto combatia a sua própria autoridade. Quando algumas de suas teorias, devido à sua importância, se encaminhavam para a sistematização, Boas optava por novas direções, desestabilizando e deixando sem norte os seguidores de suas idéias. Este fato, talvez explique porque, apesar do grande respeito granjeado, resultante da significativa contribuição que ofereceu à Antropologia americana, não conseguiu formar “*escola*”. Ao impedir que sua produção fosse popularizada, impediu que houvesse, por ela, maior interesse acadêmico por parte de outras pessoas além dos seus alunos melhor dotados.

Sua luta pela preservação das liberdades levou-o a defender sempre o que lhe parecia direito, sem se importar com as conseqüências disso. Apesar de ter o nome constantemente ligado a grupos e causas impopulares, é incontestável a importância das suas realizações no campo da Antropologia. (KARDINER; PREBLE, 1984, p.138).

Era uma figura polêmica devido à incapacidade para conquistar a simpatia das pessoas. Como professor conquistou alunos pela profundidade de sua obra e pelo mérito do seu trabalho e não pela facilidade de exposição. Com a família e os amigos íntimos, porém, deixava de ser aquela figura sisuda e reservada, empenhada em análises frias e mordazes, que travava polêmicas, para se transformar em amigo muito especial, dotado de excelente senso de humor,

irradiando muito calor humano. As moças, muito mais do que os rapazes, sempre se mostravam atraídas por ele, sendo correspondidas em sua atenção. Encerrou com prazer um curso de Introdução à Antropologia no Colúmbia College, para homens, enquanto manteve outro, paralelo, para mulheres no Barnard College, com a maior disposição. Afirmava “...parece que as mulheres são sempre mais inteligentes do que os homens...” (KARDINER; PREBLE, 1984, p.140).

Suas qualidades pessoais que somavam dotes naturais, educação superior e cosmopolitismo europeu, faziam dele uma figura heróica quando comparado com seus contemporâneos. Para Harris (1988) isto, porém, não nos possibilita considerá-lo o supremo criador da Antropologia científica, pois alguns antecessores seus já haviam tentado essa empreitada.

Boas não se notabilizou pela sua insistência com o trabalho de campo e com a coleta de dados, mas por considerar essas atividades como mais importantes mais prestigiosas e mais científicas do que a teorização, em pequena ou grande escala. Manteve rigorosa fidelidade a seus princípios indutivos. Apesar de não ter atingido a verdade absoluta, demonstrou preocupação maior do que os antropólogos anteriores e posteriores a ele, ao construir suas afirmações etnográficas sobre provas. Seu empirismo indutivo implicava em exigências tais que ele próprio tinha dificuldades para satisfazer. Outro aspecto que marcou sua figura foi a precisão e a devoção quase religiosa que colocou na coleta de dados. Essa atitude mostrava uma atitude puritana para uma atividade que ele considerava sagrada. A falta de atenção aos fatos e as conclusões precipitadas eram vistas por ele como profanação de um templo.

O antropólogo

Franz Boas deve ser incluído entre os maiores nomes da moderna Antropologia. Entre seus vários méritos, destaca-se o de não apenas ter levantado problemas, mas também por ter indicado e aperfeiçoado métodos e atitudes para superá-los. Suas realizações em todos os setores daquela ciência, ao lado da sua indiscutível integridade foram, em grande parte, responsáveis pela maneira como se desenvolveu a Antropologia nos Estados Unidos. Na segunda metade do século XX, a antropologia americana se caracterizou pela oposição a todas as sínteses teóricas. Nesse período, a estratégia básica da investigação formulada por ele, tornou-o o mais importante representante das ciências sociais daquele momento. Transmitiu a uma geração de seguidores o sentido diferenciador de pureza indutiva pelo qual era guiado. Embora seus discípulos discordassem dele, em vários pontos, ao se manifestarem sobre sua figura paradoxal, concordavam no seguinte aspecto: Boas lhes havia ensinado a servir seus próprios interesses, ser atentos a dados, livres de preconceitos e céticos a respeito de todos os esquemas. Consideravam que sua missão não tinha sido criar escola, mas sim libertar a Antropologia dos amadores e dos especialistas

de gabinete. Com Boas a Antropologia atingiu sua plenitude e converteu-se em ciência. Para seus discípulos ele era um cientista profissional que havia elevado os métodos de investigação antropológica e os critérios de verificação a níveis tais que os físicos podiam se identificar com eles. Kroeber, citado por Harris, atribui à sua sólida formação em Física, Geografia e Matemática, ao papel que ele desempenhou. (HARRIS, 1988, p.220).

Boas fazia da investigação etnográfica de campo o interesse central, a experiência mais importante e o atributo mínimo da posição de profissional. Com o passar do tempo, entretanto o tema “*particularismo histórico*” passou a ser associado ao seu nome e ao período “*boasiano*”. O período foi marcado pela quase total suspensão da dialética normal entre teoria e fatos. Os processos causais, as tendências e os paralelismos permaneceram enterrados pelo grande número de casos negativos. A pretensão de melhorar a qualidade da investigação etnográfica pela adoção de critérios mais rigorosos de verificação, não logrou sucesso absoluto. Boas e seus discípulos, da mesma maneira que outros pesquisadores que o antecederam ou sucederam, também deformaram os fatos. Apesar disso, os métodos propostos por Boas continuaram sendo seu legado permanente. Os princípios, a teoria e a metodologia significavam valores muito importantes para ele e por isso exigia a adesão de seus discípulos para tais assuntos.

Adotava uma constante atitude de crítica frente ao trabalho de seus ex-alunos, mesmo quando já iniciavam sua própria carreira. Sua profunda capacidade de análise das teorias e dos métodos tornavam-no uma pessoa difícil de ser agradada, mas as frustrações e os desapontamentos que isso causava nos autores em questão, não diminuía a estima e o respeito granjeados por sua personalidade íntegra e pela sua posição na Antropologia. O resultado é que quando a vida profissional dos envolvidos estivesse em jogo, provocava a adoção de atitudes bem contraditórias entre seus alunos. Um exemplo disso é a apreciação relatada por Kardiner e Preble, feita a seu respeito por Ruth Benedict (1986) “Quando ele encontrou a Antropologia, era esta uma coleção de conjecturas desordenadas e excelente tapada para o romântico amante das coisas primitivas; quando a deixou, deixou uma disciplina em que as teorias eram verificáveis e em que já estavam separadas as possibilidades das impossibilidades”.

Outro exemplo é o ardoroso desacordo de Lowie em relação à afirmação anterior, quando explica que as criações de Malinowski (1986) na pesquisa de campo seriam apenas adaptações aos padrões de Boas. Além disso, Lowie lembra que repudiou a imagem que faziam dele como herói da cultura. A aspereza da sua personalidade e de seu discurso e a austeridade das críticas que dirigia às suas obras e às obras alheias, não conseguiram ocultar sua brilhante capacidade.

Contrariando sua natural vocação para o isolamento, estabeleceu contato e cultivou o conhecimento de todos os campos do comportamento humano. Embora utilizasse os métodos das Ciências Físicas, era no liberalismo professado por sua mãe que buscava suas inspirações. Empréstava considerável importância ao material bruto procedente das pesquisas de campo. Mesmo que apresentasse deliberada economia de esforço, suas descrições feitas sobre o material recolhido a respeito de determinada cultura, eram feitas com notória austeridade. Sua zelosa preocupação era de que só fossem empregados em Antropologia os rigorosos métodos das ciências. Seus relatórios se assemelhavam em tudo aos de laboratório, feitos pelos físicos; totalmente isentos de emoção (KARDINER; PREBLE, 1984, p.144).

O sentimento não aparecia nas observações sobre as pessoas; apenas se manifestava nas observações sobre a natureza. Considerava que a distância emocional era necessária à objetividade científica. Mesmo com todos esses cuidados, Boas duvidava da possibilidade de serem feitas generalizações que fossem úteis à Antropologia, pois temia que essas generalizações, mesmo as mais amplas, corresse o risco de serem simplistas. Apesar disso, ao desenvolver seus argumentos em favor do particularismo histórico e psicológico, precisou recorrer a algumas generalizações ilustrativas. Tratava-as, porém como exemplo, sem esconder a pequena importância que lhes dispensava. Não as discutia por si mesmas. Fazendo uma análise retrospectiva da sua exagerada cautela com as generalizações e comparando-a com as de seus contemporâneos, chega-se à conclusão de que os métodos utilizados por estes é que são indefensáveis. A Universidade não oferecia um referencial firme para os temas antropológicos; isto possibilitava a ação imaginativa dos amadores que usavam livremente da licença para generalizar sobre a base de evidências fragmentadas. Acrescenta-se a isso a incapacidade dos mesmos de submeter-se à disciplina científica (HARRIS, 1988, p.221).

Alimentava a aspiração de determinar as relações entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo dos homens, configurado pelas diferentes sociedades. A grande dificuldade era aplicar a esse mundo subjetivo os métodos rigorosos aprendidos nas ciências naturais. (LÉVI-STRAUSS, 1985, p.22).

Afirmava a impossibilidade de se encontrar leis gerais de condicionamento social, destacando a diferença que existe entre um fenômeno complexo, surgido historicamente e as leis científicas generalizadas. A vida cultural de cada povo só pode ser compreendida como consequência das condições únicas sob as quais esse povo viveu, devido à complexidade dos acontecimentos históricos. Indagava até que ponto são encontradas leis específicas que traduzam processos semelhantes, vividos por sociedades diferentes (KARDINER; PREBLE, 1984, p.147).

Sua postura de analista, extremamente cético, não impediu que aparecessem em sua obra, contradições doutrinárias. Seu caráter extremamente polêmico pode explicar essas contradições na medida em que sabemos que formulava teorias próprias para polemizar com as doutrinas vigentes. Examinava seu trabalho com aguçado ceticismo crítico, tratamento esse que também dispensava ao trabalho alheio. Contradiu e abalou as certezas do evolucionismo e do método comparativo, com críticas particularmente devastadoras. Como a teoria da cultura estava dominada nos Estados Unidos por uma espécie de combinação do evolucionismo de Spencer com o de Morgan e com o ambiente de licença metodológica que imperava, era natural que se cometessem erros em nome das reconstruções evolucionistas ingênuas, em que havia imprecisão no conteúdo e na teoria. O que era mostrado como experiência científica, não era senão um preconceito disfarçado.

Em seu livro: “*As limitações do método comparativo*”, a questão fundamental apresentada é a sua reação diante da convicção da uniformidade e da monotonia do campo evolucionista, então muito difundida. Considerava importante separar os exemplos de convergência daqueles de evolução paralela. Admitia que houvesse muitas e notáveis semelhanças culturais que não podiam ser explicadas apenas por difusão. A possibilidade de vários elementos, semelhantes entre si (mesmos fenômenos, mesmos conceitos e mesmos objetos) ocorrerem em lugares distantes, não seria suficiente porém para afirmar a uniformidade da história. É prematuro concluir que a repetição dos elementos aconteça devido às uniformidades evolucionistas ou às seqüências evolucionistas paralelas. Seria necessário antes recolher dados que demonstrassem quais as seqüências históricas que teriam provocado, em diferentes locais, a coincidência de elementos. (HARRIS, 1988, p.221- 4).

Para Boas: “O fato de que muitos traços fundamentais da cultura são universais, ou pelo menos acontecem em muitas regiões separadas, interpretado através da suposição de que os mesmos traços devem desenvolver-se sempre a partir das mesmas causas, nos levaria à conclusão de que existe um grande sistema, com o qual se desenvolveu a humanidade, em todas as partes; que todas as variações que se apresentam, não são senão detalhes menores nesta grande evolução uniforme. É evidente que a base lógica desta teoria é a suposição de que os mesmos fenômenos se devem sempre às mesmas causas”.

A suposição acima foi considerada falsa por Boas em um grande número de exemplos concretos, pois parece totalmente improvável que uma mesma seqüência causal possa explicar o desenvolvimento dos mesmos fenômenos em todos os lugares (HARRIS, 198, p.225).

Todos os ingentes esforços para construir um grande sistema de evolução da sociedade terão apenas valor duvidoso se não tivermos a prova de que os mesmos fenômenos tiveram a mesma origem. Sem essa prova só podemos

pensar que o desenvolvimento histórico pode ter seguido uma grande variedade de caminhos.

Seu argumento contra o evolucionismo era que é infundada a garantia de que a mente humana obedeça às mesmas leis em toda parte, fazendo com que processos idênticos produzam semelhanças culturais. Somente comparar os resultados do crescimento cultural como costumes, traços e crenças similares, pode desconsiderar a diversidade de causas importantes. Como alternativa para corrigir esse problema propôs a “*reconstrução histórica*” em vez da “*reconstrução evolutiva*”. O tratamento dedutivo, então, seria substituído pelo método indutivo. Depois de estudar várias áreas culturais restritas, seriam confrontados os processos de crescimento cultural de cada uma delas, para que fosse possível chegar a generalizações indutivas corretas. Da comparação de histórias de crescimento poderiam ser inferidas leis gerais. O conhecimento da história de uma cultura isolada e a compreensão dos efeitos nela provocados, pelo meio e pelas condições psicológicas, é que dão condições de se verificar como operaram causas semelhantes ou diferentes, no desenvolvimento de outras culturas. Não se pode jamais deduzir interações constantes do indivíduo sobre o grupo e do grupo sobre o indivíduo. Reafirmando seu caráter paradoxal, Boas declarava que para serem entendidos, os fatos devem ser observados, ou seja, “Para compreender a história, não basta saber como são as coisas, mas, como chegaram a ser o que são”. Estas idéias refrearam os excessos dos evolucionistas e possibilitaram a criação de um programa que facilitou a reconstrução histórica limitada, como também a formulação de leis de desenvolvimento cultural o que provocou entre os antropólogos americanos uma preocupação com a história e a reconstrução da cultura. Afirmava que, através da análise profunda de uma cultura única, que chegue à descrição de suas instituições, de suas relações funcionais, dos processos dinâmicos pelos quais o indivíduo influencia essa cultura e é por ela influenciado, pode-se entender todo seu sentido mesmo sem conhecer o desenvolvimento histórico que deu origem às formas atuais (LÉVI-STRAUSS, 1985, p.23).

O fato de suas idéias terem desencadeado um otimismo entre os antropólogos preocupou Boas que passou a dar mais atenção, primeiro aos estudos de aculturação, em seguida do funcionalismo, para encerrar com ênfase nos estudos dos problemas da cultura da personalidade. Quando no fim sua carreira se concentrou nos estudos sobre a cultura da personalidade, manifestou sua desaprovção em relação aos métodos utilizados nessa área. Desaprovava também as histórias de vida, argumentando que além de se basearem em recordações falhas estavam condicionadas pelas preocupações do presente. Era favorável à abordagem de surpresa, àquela não prevista.

Manifestando uma posição controvertida, mesmo quando era ele próprio o autor de uma teoria que se aprofundava demais em explicações, mostrava-se

muito preocupado, pois considerava como perigosa a simplificação do problema. Para ele era insuficiente satisfazer-se com menos do que uma “*elevada probabilidade de conclusão*”. Condenava a teoria especulativa e considerava ser impossível fazer generalizações científicas sobre culturas diferentes da nossa.

O nome de Boas está associado às principais teorias e metodologias da moderna Antropologia. Sempre procurou defendê-la da teoria especulativa. Sua adesão a qualquer doutrina se ligava à possibilidade desta de contestar dogmas. Este posicionamento abriu importantes áreas de pesquisa e de análise antropológica. A amplitude da sua obra incluía os principais setores da Antropologia física e cultural, não tendo sido igualado por nenhum outro estudioso do assunto, no tocante à abrangência de seus interesses e realizações sobre o mesmo.

Sua evidente resistência aos processos intuitivos e especulativos, aliada à inexistência de métodos e técnicas científicos que dificultavam a obtenção de resultados rigorosos em Antropologia Cultural determinou a medida do seu maior entusiasmo pela Antropologia Física do que por aquela. Suas afirmações genéricas sobre o comportamento humano em culturas estrangeiras, também foram limitadas pela extrema complexidade do estudo do homem e da sociedade e dos problemas do seu extremo relativismo cultural. A importância que atribuiu às provas científicas fez com que Boas impusesse sérias restrições às suas pesquisas e às pesquisas alheias.

O tempo agravou o seu ceticismo em relação às teorias, fazendo-o concentrar-se na análise de áreas restritas, empregando métodos estatísticos cada vez mais precisos. A dificuldade de encontrar provas consistentes tornou impossível a generalização devido ao seu enfoque quase que exclusivamente indutivo. (KARDINER; PREBLE, 1984, p.149-50).

Em todos os seus trabalhos, Boas insistia no relativismo cultural, o que lhe deu condições de estudar culturas com um mínimo de preconceitos etnocêntricos. Essa postura representa o requisito primeiro para a realização de trabalho de campo e análise cultural respeitáveis, na medida em que impede a formulação de juízos de valor sobre determinada cultura, baseando-se em nossa própria. Quando, porém chega ao exagero de negar a possibilidade de quaisquer afirmativas comparadas e genéricas sobre culturas, aparece o questionamento de seus alunos sobre qual seria a contribuição da Antropologia para o conhecimento da conduta humana.

O grande interesse de Boas era a coleta, a classificação e armazenamento de grandes quantidades de dados em bruto. Isto o levou a abandonar a tradicional abordagem anatômica para estudar tipos físicos, utilizando os dados em lugar das técnicas biométricas. Para isso utilizava dados passíveis de serem coligidos e classificados e, portanto suscetíveis de passarem por uma análise estatística, isto é, aplicava a análise estatística aos dados sociais. Foram, por conseguinte,

tais técnicas intensivamente utilizadas na sua obra sobre o crescimento e o desenvolvimento racial e físico. A grande contribuição desse estudo para o conhecimento da raça foi sua reiterada afirmação sobre a plasticidade do tipo físico humano. O homem era concebido como animal domesticado, possuindo um tipo físico instável, característico dos animais domésticos. Para demonstrar a variabilidade da medida devido à influência ambiental, Boas utilizou a forma da cabeça de 17.821 indivíduos, pelo fato de a cabeça ser vista como o traço da figura humana menos mutável. As significativas diferenças obtidas, proporcionais ao espaço de tempo decorrido a partir da chegada dos pais imigrantes, de várias nacionalidades, aos Estados Unidos, demonstraram que as alterações entre os estudados, convergiam para o tipo físico predominante nos Estados Unidos. Demonstraram ainda que a forma da cabeça pode sofrer mudança em determinado período de tempo, mesmo sem ter havido mudança de descendência. Juntamente com outros estudos antropométricos, estes resultados reforçaram a controvérsia “*natureza-educação*” e a teoria que afirma que o plasma germinativo não transmite caracteres fixos, mas, potencialidades, cuja forma depende do meio em que se desenvolvem.

Outro estudo de Boas sobre a influência que o meio exerce sobre o desenvolvimento foi feito num orfanato hebraico de Nova York. O resultado demonstrou a influência positiva do ambiente familiar para o desenvolvimento das crianças, em detrimento do ambiente institucional. Um de seus estudos mais famosos “*A mente do homem primitivo*”, chamado a “*Carta Magna da igualdade racial*” mostra, numa tentativa de dar uma contribuição humanitária prática ao tema raça, que não existe relação do tipo físico com traços culturais como mentalidade, virtude e idioma e que as raças não são nem puras nem estáveis.

O trabalho de médicos e psicólogos recebeu de Boas grandes restrições, pois considerava que o envolvimento de um grande número de hipóteses, em cada passo examinado, compromete a correção científica dos métodos utilizados.

As realizações de Boas, em todos os setores importantes da antropologia impossibilita uma exata avaliação sobre sua contribuição para a teoria etnológica. Entre os itens que devem ser enfatizados ressalta a vastíssima quantidade de material coligido e armazenado que era considerada a mais segura fonte de informações. Pelo fato de ter conseguido esse acervo por intermédio de um rigoroso trabalho de campo, é considerado o fundador do moderno trabalho de campo da Antropologia dos Estados Unidos. Não apenas defendeu, mas, utilizou novos processos científicos, além de aplicar a análise estatística ao estudo dos dados sociais.

Algumas conclusões

A associação do seu nome a quase todas as teorias sem, contudo identificá-lo com nenhuma tem dificultado sua correta valorização. A sólida

reputação que granjeou com a cautela e o ceticismo crítico sempre adotados, também colocou em destaque os pontos fracos de sua teoria. É o caso da incessante busca de precisão e de certeza que aparecem simultaneamente como marcas da grandeza e da fraqueza do seu trabalho de antropólogo. Ao não considerar como dignos de confiança, senão os dados coligidos em áreas restritas, por vários pesquisadores e durante muito tempo, Boas demonstrava a importância que dava, de forma quase que exclusiva, à investigação indutiva. Esta postura, apesar de disciplinar seu trabalho, cerceava o espírito especulativo e impedia a aceitação das incertezas, condições de grande estímulo para o desenvolvimento das pesquisas.

Lévi-Strauss (1985, p.35) lembra que cabe a Boas a observação de que os fenômenos culturais têm uma natureza inconsciente; que aqueles que falam desconhecem a estrutura da língua e explica a diferença entre os fenômenos lingüísticos e os demais fenômenos culturais. Enquanto os lingüísticos jamais emergem à consciência clara, os culturais se elevam da inconsciência à interpretação, por meio de pensamento consciente.

Considerando a situação da Antropologia no final do século XIX e começo do século XX, tudo o que Boas realizou, embora tenha sido importante, não foi suficiente. Teria sido necessário um grande movimento reformista para promover um progresso significativo na Antropologia vista como ciência da cultura. É impossível negar, porém, sua inquestionável contribuição quando percebemos a grande importância, no debate contemporâneo, de temas como Culturalismo, Multiculturalismo e Pluralidade Cultural.

O Brasil perdeu muito, no que tange ao conhecimento dos trópicos, de clima úmido e ensolarado, pelo fato de Boas nunca ter chegado até aqui. Se ele, como Lévi-Strauss tivesse vindo, provavelmente a palavra “trópico” não teria adquirido a conotação pejorativa que ostenta em Ciências Sociais.

Referências:

BENEDICT, Ruth. **Continuidade e descontinuidade no condicionamento cultural**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

BOAS, Franz. **Race, language and culture**. New York: The Macmillan Company, 1940.

HARRIS, Marvin. **El desarrollo de la teoría antropológica**. Madrid: El siglo XXI, 1988.

KARDINER, A.; PREBLE, E. **Eles estudaram o homem**. São Paulo: Cultrix, 1984.

MALINOWSKI, B. **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1986.

STRAUSS-LÉVI, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

VASCONCELOS, Gilberto F. Um antropólogo bom de ouvido. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2006. Suplemento Mais, p.2.

Resumo:

O presente estudo pretende fazer uma breve reflexão histórica sobre o sentido contemporâneo do culturalismo através da vida e da obra de Franz Boas. Mostrar que seu nome está associado às principais teorias e metodologias da moderna Antropologia, à denúncia das teorias especulativas e doutrinas dogmáticas além da contribuição de ter trazido ao debate temas atuais como Culturalismo, Multiculturalismo e Pluralidade Cultural.

Palavras-chave:

Reconstrução Histórica, Uniformidade Evolucionista, Sequências Evolucionistas Paralelas, Relativismo Cultural.